



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS INGLÊS**

**MARIA WEDNA DE OLIVEIRA SILVA AVELINO**

**A RELAÇÃO FAMILIAR ANTE A TRANSCULTURALIZAÇÃO DA PROTAGONISTA  
NO CONTO “AMANHÃ É TARDE DEMAIS” DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE**

**GUARABIRA  
2022**

MARIA WEDNA DE OLIVEIRA SILVA AVELINO

**A RELAÇÃO FAMILIAR ANTE A TRANSCULTURALIZAÇÃO DA PROTAGONISTA  
NO “CONTO AMANHÃ É TARDE DEMAIS” DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras Inglês.

**Área de concentração:** Escrita Feminina Negra

**Orientador:** Prof. Dra. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos

**GUARABIRA  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A949r Avelino, Maria Wedna de Oliveira Silva.  
A relação familiar ante a transculturalização da protagonista no conto "Amanhã é tarde demais" de Chimamanda Ngozi Adichie [manuscrito] / Maria Wedna de Oliveira Silva Avelino. - 2022.  
21 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.  
"Orientação : Profa. Dra. Clara Mayara de Almeida ,  
Coordenação do Curso de Letras - CH."  
1. Cultura. 2. Transculturação. 3. Chimamanda Ngozi. 4.  
Amanhã é tarde demais. I. Título  
21. ed. CDD 305.8

MARIA WEDNA DE OLIVEIRA SILVA AVELINO

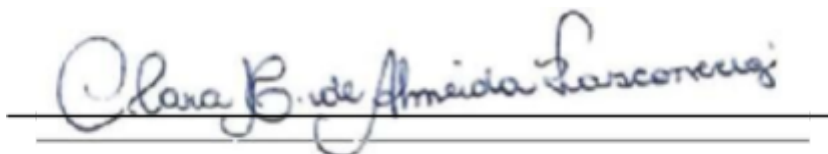
**A RELAÇÃO FAMILIAR ANTE A TRANSCULTURALIZAÇÃO DA PROTAGONISTA  
NO CONTO AMANHÃ É TARDE DEMAIS DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras Inglês.

**Área de concentração:** Literatura Feminina Negra

Aprovado em: 30/03/2022.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dra. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos (**Orientadora**)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Ferdinando de Oliveira Figueirêdo (**1.º Examinador**)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Rafael Francisco Braz (**2.º Examinador**)  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus, pois sem ele não teria chegado até aqui. Desde o momento que passei pelo Sisu e ao me matricular sabia as possíveis dificuldades que poderia enfrentar, entre greves, transferências de campus, uma gravidez e o período de pandemia do COVID -19 no qual ainda nos encontramos mesmo após as vacinas, ele me sustentou e não me permitiu desistir durante o decorrer desses anos de curso superior.

Agradeço aos professores que fizeram parte dessa minha jornada acadêmica de maneira somatória. Em especial a minha Orientadora Prof. Dra. Clara Mayara, com quem tive contato desde o meu primeiro semestre de curso, e que com toda sua dedicação nos motiva e nos ensina a ser bons professores, através dela conheci a autora Chimamanda e sua obra, e sem sua ajuda esse trabalho não teria sido possível. Obrigada pela oportunidade!

Aos meus colegas e amigos de curso meu muito obrigada! Em especial Gerciane, Shara, Iohanna, Bruno e Vitória, vocês tornaram os meus dias na UEPB mais leves e me ajudaram positivamente durante a graduação.

Quero agradecer também a minha família, em especial a minha mãe, Lucinéria Ana, meu pai, Manoel Venâncio, por todo o apoio, por terem me ensinado a percorrer o caminho do bem e da honestidade, agradecer também aos meus irmãos, Weverton, por toda paciência e por me apoiar sempre mesmo estando longe, a meu irmão Weverson, por ter me dado a maior força, e sempre ficar no meu lado nos momentos difíceis, tenho muito orgulho de vocês, amo vocês!

Ao meu esposo Philippe por todo apoio e paciência durante todos esses anos. Ao meu amado filho Anthony, motivo de muita alegria, depois de sua chegada minha vida se transformou e minhas motivações para realizar os meus sonhos se tornaram ainda maiores, junto às responsabilidades da maternidade o amor e a força vem juntos.

Por fim, a todos o que tive a felicidade de encontrar durante esses anos, não foram anos fáceis, mas ter vocês comigo fez com que a caminhada se tornasse mais agradável.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>2 CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE: NOTAS SOBRE A VIDA E CARREIRA DA AUTORA</b>	<b>9</b>
<b>3 CULTURA, TRANSCULTURAÇÃO E HIBRIDISMO CULTURAL: BREVES REFLEXÕES</b>	<b>10</b>
<b>4 UMA LEITURA SOBRE A TRANSCULTURAÇÃO NO CONTO “AMANHÃ É TARDE DEMAIS”</b>	<b>12</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>18</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>19</b>

# A RELAÇÃO FAMILIAR ANTE A TRANSCULTURALIZAÇÃO DA PROTAGONISTA NO CONTO “AMANHÃ É TARDE DEMAIS” DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Maria Wedna de Oliveira Silva<sup>1</sup>

## RESUMO

O conto “Amanhã é tarde demais” (2009), da escritora Chimamanda Ngozi Adichie, parte dos relatos de vivência de uma personagem que por algumas razões não consegue criar uma relação de pertencimento total a nenhuma de suas culturas originárias. O processo de transculturação a permite caminhar entre as duas culturas, absorvendo e adequando para si apenas o que julga necessário. Este artigo tem por objetivo principal analisar a relação familiar em seu âmbito cultural e como consequente a isso a transculturalidade da protagonista. Serão utilizados como aportes teóricos os autores: Santaella (2003), Ortiz (1987), Rama (1984), Burke (2006), Hall (2000), Malinowski (1987) Santos (2011), através de suas obras pode -se investigar os principais pontos do objeto de estudo e compreender alguns dos movimentos históricos e sociais que colaboraram para os processos de transculturação e hibridização da sociedade. A partir de um estudo qualitativo, propõe-se apresentar reflexões sobre cultura e suas vertentes, transculturação, hibridização e suas possíveis causas no meio social e como a diáspora negra<sup>2</sup> familiar acaba refletindo diretamente na vida do personagem principal.

**Palavras-chave:** Cultura. transculturação. Chimamanda Ngozi. Amanhã é tarde demais.

## ABSTRACT

The short story "Tomorrow is too far" (2009), by the writer Chimamanda Ngozi Adichie, part of the accounts of the experience of a character who for some reasons cannot create a relationship of total belonging to any of their cultures would originate. The transculturation process allows her to walk between the two cultures, absorbing and applying for her only what she deems necessary. This article has as main objective to analyze the family relationship in its cultural scope and as a consequence of this the transculturality of the protagonist. The authors who will be used as theoretical contributions are: Santaella (2003), Ortiz (1987), Rama (1984), Burke (2006), Hall (2000), Malinowski (1987) Santos (2011), through their works one

---

<sup>1</sup> Aluna do Curso de Licenciatura Plena em Letras com Habilitação em Língua Inglesa, Campus III, Centro de Humanidades “Osmar de Aquino”, Guarabira.  
E-mail: wedna.olliveiraa@gmail.com

<sup>2</sup> Hall (2003) esclarece que a diáspora negra e as migrações não são sem consequência para os registros culturais do novo mundo. Supor que não houve misturas e trocas é apostar num ordenamento teleológico. É desejar uma saída redentora para os conflitos culturais, ou seja, algo impossível para a superação das desigualdades e das opressões. Nesses termos, o autor desconstrói a "esperança" metafórica de que há meios de recuperar plenamente as origens africanas para se tornar negro. A questão que se impõe é que as origens africanas são memoriais e não se pode tudo lembrar. (RODRIGUES, 2012)

can investigate the main points of the object of study and understand some of the historical and social movements that contributed to the processes of transculturation and hybridization of society. From a qualitative study, it is proposed to present reflections on culture and its aspects, transculturation, hybridization and its possible causes in the social environment and that end up reflecting directly in the life of the main character.

**Keywords:** Culture. transculturation. Chimamanda Ngozi. Tomorrow is too far.



## 1 INTRODUÇÃO

Ao nascermos, somos apresentados a diversos costumes e tradições. Entre os mais comuns está a comemoração dos nossos anos de vida, conhecido como aniversário. A tradição pode ser a mesma em diversos países, mas, os costumes, não. Enquanto no Brasil é comum o primeiro pedaço de bolo ser dedicado para a pessoa que o aniversariante mais ama ou sente alguma admiração, nos Estados Unidos, por exemplo, não existe esse costume. O fato é que somos seres que adquirimos tradições e costumes a partir da cultura em que estamos inseridos. Porém, em alguns casos, podemos nos deparar com dúvidas e questionamentos a respeito do sentimento de pertencimento a determinada cultura, como é o caso da protagonista, no conto “Amanhã é tarde demais”.

Escrito pela autora Chimamanda Ngozi Adichie, a obra intitulada *No seu pescoço* (2017), publicada no Brasil pela editora companhia de letras, reúne doze contos que trabalham gêneros e temas diversos com distintas narrativas sobre nigerianos na África e nos Estados Unidos, entre eles, “Amanhã é tarde demais”, objeto de estudo desta pesquisa.

Dentro do conto “Amanhã é tarde demais” é possível observar como a protagonista não se identifica totalmente com as suas culturas originárias, a partir da diáspora africana para os EUA, causando assim um conflito identitário na personagem que desde cedo tenta assimilar o porquê dessas diferenças culturais e suas representações. Desta forma, a partir de ponderações busca -se compreender como a relação familiar juntamente com os aspectos sociais e culturais colaboram para a transculturalidade da protagonista. Nessa perspectiva, considera-se que:

A transculturação transmite ao dado da origem um princípio de mutação. Esse princípio subverte a lógica fixa da origem articulando a tradição aos efeitos da diáspora. Nessa articulação uma instância de originalidade surge como um indicativo que traduz, em outros termos, a origem propiciando ao grupo étnico um marco para a elaboração de sua identidade racial. (RODRIGUES, 2012, p. 9)

Sendo assim, o foco da pesquisa encontra-se na área de Literatura Afro - Americana e o objetivo principal deste estudo é discutir como o conto “Amanhã é tarde demais” reverbera a transculturação, através da análise da busca por reconhecimento da personagem principal.

Como metodologia, o presente trabalho é de cunho qualitativo, que, de acordo com Godoy (1995) este tipo de pesquisa pode se caracterizar ao estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes. Para o desenvolvimento deste trabalho, se fez necessário um levantamento bibliográfico através da leitura de artigos, livros e documentários.

Por conseguinte, serão utilizados como aportes teóricos os autores: Santaella (2003), Ortiz (1987), Rama (1984), Burke (2006), Hall (2000), Malinowski (1987) Santos (2011), através de suas obras pode -se investigar os principais pontos do objeto de estudo e compreender alguns dos movimentos históricos e sociais que colaboraram para os processos de transculturação e hibridização da sociedade.

No mais, para respondermos a indagação levantada, esta pesquisa está dividida em 5 tópicos, sendo eles: Notas sobre a vida e carreira da autora, breves reflexões a respeito dos termos cultura, transculturação e hibridização cultural,

análise uma leitura sobre transculturação no conto “Amanhã é tarde demais” e Considerações Finais.

## 2 CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE: NOTAS SOBRE A VIDA E CARREIRA DA AUTORA

Chimamanda Ngozi Adichie é uma escritora e ativista nigeriana que nasceu em 15 de setembro de 1977, na cidade de Enugu. Filha de James Nwoye Adichie e Grace Ifeoma, cresceu na cidade de Nsukka juntamente com os cinco irmãos. Seu pai trabalhava na Universidade da Nigéria como professor de Estatística e sua mãe como administradora, foi a primeira mulher a assumir esse cargo naquela instituição.

Adichie ingressou na Universidade da Nigéria no curso de medicina, onde estudou durante o período de um ano e meio, e durante sua passagem tornou-se uma das editoras da revista *The Compass*, que era produzida pelos estudantes de medicina, iniciando assim a sua paixão pela escrita. No ano de 1996, aos 19 anos decidiu abandonar a sua possível carreira na medicina e mudou-se para os Estados Unidos. Após sua mudança, a autora passou pelo choque cultural e compreendeu a diferença de ser uma mulher negra em outro país, experiência que contribuiria mais tarde para criação de algumas de suas obras. cursou comunicação e ciências políticas na Universidade de Drexel, na Filadélfia, onde permaneceu durante dois anos e após isso transferiu-se para a *Eastern Connecticut State University*, onde conseguiu o seu diploma.

Após finalizar a graduação, deu continuidade em sua carreira acadêmica; tornou-se mestre em Redação Literária pela *Johns Hopkins University*, em Baltimore, e anos mais tarde concluiu mais um mestrado, Mestre em Estudos Africanos, pela Universidade de Yale, Connecticut.

Iniciou sua jornada como escritora ainda jovem, em 1997 publicou uma coleção de poemas intitulada *Decisions*. Porém, foi no ano de 2003 que conquistou reconhecimento no cenário literário, ao escrever e publicar o Romance *Purple hibiscus* (Hibisco Roxo), obra que ganhou o Prêmio *Commonwealth Writers*, como Melhor Primeiro Livro, e o *Hurston Wright Legacy Awards*. Publicado em 2006, o romance *Half of a yellow sun* (Meio sol amarelo) recebeu o prêmio de ficção e foi o responsável por consagrar a autora como um dos principais nomes da Literatura Africana.

Adichie publicou a sua primeira coleção de contos em 2009, *The thing around your neck* (No seu pescoço), obra que possui o conto que servirá como objeto de estudo deste trabalho. Demais obras como: *Americanah* (2013), *We Should All Be Feminists* (Sejamos todos feministas) 2014, baseado em uma de suas famosas conferências apresentadas através do *TED Talk* (*Technology, Entertainment, Design*), *Dear Ijeawele, or a feminist manifest in Fifteen suggestions* (Para educar crianças feministas, um manifesto) 2017, que mostra a importância de falar sobre a igualdade de gênero desde a infância e *Notes on grief* (2021), em que aborda o tema pandêmico ocasionado pelo coronavírus e seus efeitos na aproximação das pessoas e sobre perdas, essas são suas obras mais recentes.

Chimamanda além de escritora e conferencista, com o *TED Talk* conhecido por *Chimamanda talks*, a autora conseguiu ainda mais reconhecimento, batendo recorde de visualizações e sendo uma das mais vistas do evento na sua primeira

apresentação intitulada “*Os perigos de uma história única*” (2009); na sua segunda conferência, na qual falava sobre feminismo, ela atingiu tanta visibilidade que marcas e famosos se inspiraram no seu discurso e utilizaram trechos e frases em suas criações. Adichie aborda e defende firmemente a importância da igualdade de gênero e estende seu pensamento a fim de atingir não só o público adulto como também o infantil, para que desde a infância as crianças entendam a importância das mulheres conquistarem direitos iguais na sociedade.

Em seus trabalhos, são expressos através de sua escrita e fala, algumas de suas experiências pessoais, dialogando com a cultura em que vivemos. Temas que seguem sendo importantes como: choque cultural, racismo, preconceito, feminismo, dramas sociais, são pautas usadas em suas obras de ficção, causas que até hoje necessitam de um olhar de importância e uma pluralidade de pontos de vista.

### **3 CULTURA, TRANSCULTURAÇÃO E HIBRIDISMO CULTURAL: BREVES REFLEXÕES**

O termo cultura, durante muito tempo, limitou-se a ser conhecido como uma série de características e conhecimentos a respeito de tradições de cada povo, algo que vem sendo passado de geração em geração como forma de manter o que se é considerado cultural em determinadas sociedades vivas. Vale ressaltar que isso é o que é ensinado sobre cultura na maioria das vezes:

Cultura é o complexo no qual estão incluídos conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes e quaisquer outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade. (TYLOR, 1871, p. 3)<sup>3</sup>

A cultura pode se caracterizar por critérios históricos, antropológicos, éticos, científicos, artísticos e possui uma diversificada gama de colocações materiais como arquitetura, alimentação, vestimentas, objetos, características físicas e imateriais como formas de linguagens. Em suas muitas definições apresentadas durante as últimas décadas, nota-se o quão ramificada pode ser.

Há um consenso sobre o fato de que cultura é aprendida, que ela permite a adaptação humana ao seu ambiente natural, que ela é grandemente variável e que se manifesta em intuições, padrões de pensamento e objetos materiais. Um sinônimo de cultura é tradição, o outro é civilização, mas seus usos se diferenciaram ao longo da história. Uma definição breve e útil é: a cultura é a parte do ambiente que é feita pelo homem. Implícito nisso, está o reconhecimento de que a vida humana é vivida num contexto duplo, o habitat natural e seu ambiente social. (SANTAELLA, 2003, Pág.30)

Desse modo podemos observar que a cultura é mutável e cumulativa, não tão natural como se é imaginado, ela se adapta às circunstâncias do seu povo de acordo com a sua época e local de vivência, perde aspectos antigos e vai ganhando novos que corroboram com a necessidade atual da sua sociedade, e o dinamismo dos seus elementos é o que possibilita mantê-la viva ao longo de tantas gerações.

---

<sup>3</sup> No original: “Culture is that complex whole which includes knowledge, belief, art, law, morals, custom, and any other capabilities and habits acquired by man as a member of society”.

Logo, não existe apenas um conceito correto sobre cultura, trata-se de um conjunto de conhecimentos nas mais variadas áreas da vida humana.

Em adição a essa discussão, assim como o processo cultural tem a capacidade de se desenvolver, aperfeiçoar e se modificar de maneira pouco perceptível. O processo de transculturação ocorre de forma similar, a partir do momento em que o indivíduo possui um contato maior com outra cultura, ele pode incorporar outros elementos e costumes naturalmente.

Um processo no qual emerge uma nova realidade, diversa e complexa, uma realidade que não é uma aglomeração mecânica de caracteres, nem um mosaico sequer, e sim uma realidade nova, original e independente. Para descrever tal processo, o vocábulo de raízes latinas transculturação, proporciona um termo que não contém a implicação de que uma determinada cultura tenha de inclinar-se para outra, e sim de uma transição entre duas culturas, ambas ativas, ambos contribuindo com aportes significativos e cooperando para o advento de uma nova realidade de civilização. (ORTIZ, 1987, p. 5)<sup>4</sup>

O termo foi formulado pelo antropólogo Fernando Ortiz e apresentado em seu livro *Contrapunteo del tabaco y el azúcar*. A obra visa explicitar que Cuba é constituída por diversas mutações culturais que determinaram a evolução da sociedade cubana. Tendenciando substituir expressões como aculturação, difusão ou migração, o termo vem ganhando força, para justificar de forma sucinta o que se acontece gradualmente quando diversas culturas entram em contato contínuo. De acordo com Bronislaw Malinowski (1987), a transculturação é um processo de enriquecimento cultural ambas doam e recebem, mesmo que um grupo imponha mudanças sobre a receptora, traços divergentes acabam sendo adaptados e agregados mutuamente.

O teórico Ángel Rama descreve o processo de transculturação imposto pela civilização europeia, o impacto ocasionou três respostas, o primeiro seria o retrocesso na tentativa de submeter e proteger apenas uma cultura, o segundo seria a não solução dos problemas e o terceiro a absorção do impacto dominante da cultura atual.

Ainda que isolada dentro da imensidão espacial e cultural, alheia e hostil, competia às cidades dominar e civilizar seu contorno, o que primeiro se chamou "evangelizar" e depois "educar". Apesar de que o primeiro verbo foi conjugado pelo espírito religioso e o segundo pelo leigo e agnóstico, tratava-se do mesmo esforço de transculturação a partir da lição europeia. (RAMA, 1984. Pág. 37)

A evolução histórica é definida pela transculturação de povos e culturas, onde diferentes etnias ao se relacionarem não geram apenas um novo ser que geneticamente apresentara fisicamente características similares aos genitores, ele será exposto a culturas diferentes durante o seu crescimento, e a sua identidade cultural será criada com base no conhecimento que ele possui e adquirida através

---

<sup>4</sup> No original: "Un proceso en el cual emerge una nueva realidad, compuesta y compleja; una realidad que no es una aglomeración mecánica de caracteres, ni siquiera un mosaico, sino un fenómeno nuevo, original e independiente. Para describir tal proceso el vocablo de latinas raíces trans-culturación proporciona un término que no contiene la implicación de una cierta cultura hacia la cual tiene que tender la otra, sino una transición entre dos culturas, ambas activas, ambas contribuyentes con sendos aportes, y ambas cooperantes al advenimiento de una nueva realidad de civilización".

do seu senso crítico. A identidade cultural está relacionada com a forma como vemos o mundo exterior e como nos posicionamos em relação a ele. Esse processo é contínuo e perpétuo, o que significa que a identidade de um sujeito está sempre propícia a mudanças. (RODRIGUES, 2016).<sup>5</sup>

Apesar de haver todo um aparato histórico de pesquisas e estudos que mostram as possíveis causas das alterações culturais, para a sociedade mais antiga esse fato não parece ser bom, o medo de que suas heranças passadas acabem sendo perdidas ao longo do tempo gera conflitos, os mais antigos prezam pela continuidade de suas tradições.

Com outra perspectiva, o Hibridismo cultural é o resultado da junção de uma ou mais culturas para criação de uma nova, podendo ser resgatados hábitos ou costumes que já estariam sendo extintos, porém não sendo usados de maneira a ser uma repetição ou imitação. Processos de hibridização podem ser encontrados na esfera econômica, social e política (BURKE, 2006, Pág.16)

O preço da hibridização, especialmente naquela forma inusitadamente rápida que é característica de nossa época, inclui a perda de tradições regionais de raízes locais. Certamente não é por acidente que a atual era de globalização cultural, às vezes vista mais superficialmente como "americanização", é também nacionalistas ou étnicas. (BURKE, 2006, p. 18)

A intensificação da globalização, e o aumento dos meios de comunicação e sua propagação colaboram para que o mundo esteja cada vez mais ligado a diversos povos e culturas. De fato, a cultura midiática propicia a circulação mais fluida e as articulações mais complexas dos níveis, gêneros e formas de cultura, produzindo o cruzamento de suas identidades (SANTAELLA, 2003, pág. 59).

Atualmente práticas culturais híbridas são facilmente identificadas através da música, arte e formas de linguagem. A capacidade humana e a necessidade de se reinventar estão cada vez maiores, o respeito, compreensão coletiva e a tolerância cultural apresentados por grande parte da população contribui para que a hibridização siga tendo continuidade. O hibridismo cultural resulta em inovação.

Em contrapartida, temos os indivíduos que prezam pela manutenção das culturas originárias como forma de afirmação da própria identidade. Os impactos do Hibridismo cultural podem fazer com que culturas sejam perdidas e que a hipótese de criação cultural em benefício de um reservado grupo seja motivo de preocupação.

#### **4 UMA LEITURA SOBRE A TRANSCULTURAÇÃO NO CONTO “AMANHÃ É TARDE DEMAIS”**

Conforme referido anteriormente, o presente trabalho trará uma breve leitura sobre transculturação no conto “Amanhã é tarde demais”, exposto na obra *No seu pescoço* de Chimamanda Ngozi Adichie. A história é narrada em terceira pessoa, o narrador heterodiegético demonstra total conhecimento sobre a vida da protagonista. O tempo da narrativa transita entre eventos passados e presentes na vida da personagem principal que não tem o seu nome exposto no decorrer da história. A

<sup>5</sup> RODRIGUES, Lucas de Oliveira. "Identidade cultural"; *Brasil Escola*. Disponível em: Acesso em 1 de fevereiro de 2022.

protagonista vive entre duas culturas distintas desde o seu nascimento, sendo filha de pai nigeriano e mãe afro-americana. Já sendo assim um ser transculturado, a protagonista tem que lidar com os diferentes costumes, não apenas dos seus genitores, como, também, da sua extensão familiar.

O conto inicia-se com a narradora trazendo memórias de acontecimentos ruins da vida da protagonista sobre a sua última ida à Nigéria. Após retornar para os Estados Unidos sucederam-se os eventos do divórcio dos seus pais e a promessa de sua mãe de que ela nunca mais voltaria à Nigéria, tampouco veria mais a sua avó.

Dando continuidade ao seguimento de memórias, observa-se a vivência da protagonista com a cultura paterna, a partir da qual ela apresenta questionamentos desde a infância a respeito dos papéis e funções sociais exercidas por homens e mulheres sob uma perspectiva androcêntrica. Tal ponto de vista falocêntrico reverbera principalmente pelo fato da sua avó tratar isso com tamanha importância para a perpetuação da sua geração, pois, para a matriarca, o neto que parecia ser mais importante deveria ser o do gênero masculino, o qual também provinha do seu filho homem.

Foi no verão em que você perguntou à vovó por que Nonso bebia primeiro, apesar de Dozie ter treze anos, um ano a mais que seu irmão, e a vovó disse que Nonso era o único filho de seu filho, aquele que perpetuaria o nome da família Nnabuisi, enquanto Dozie era apenas um nwadiana, um filho de sua filha. (ADICHIE, 2017, p.96)

Apesar das dificuldades enfrentadas pela protagonista, na tentativa de adequar-se a ambas as partes familiares, durante um determinado período. mesmo não compreendendo, ela soube lidar com as variações de cunho característicos de cada cultura.

O narrador nos mostra que a personagem levava com leveza algumas de suas memórias passadas, a ponto de possuir boas lembranças afetivas com detalhes até mesmo sensoriais sobre o convívio com a sua família paterna. Incluindo o fato de que ela se permitiu apaixonar-se pelo seu primo Dozie.

Enquanto sujeito transculturado, dividido entre a família/cultura paterna e a materna, ela demonstra um sentimento de pertencimento em relação às duas culturas. Todavia, ela demonstra mais conexão com os costumes da cultura da mãe a partir dessa relação de trocas mútuas estabelecidas através das zonas de contato propiciadas pela diáspora da família paterna para os EUA e do consequente casamento com uma mulher afro-americana.

O não reconhecimento de suas habilidades e seus esforços concorrem para que a protagonista passe cada vez mais a não se identificar com a cultura proveniente do seu lado paterno. Logo, ela tem que lidar com ciúmes e um conflito interno causados por não entender a preferência que a sua família empreende em relação ao seu irmão mais velho, Nonso. Desse modo, a sua avó sempre a tratava com desdém.

À noite, a vovó deixava apenas seu irmão Nonso subir nas árvores para sacudir um galho cheio de frutas, apesar de você saber trepar em árvore melhor do que ele... Foi no verão em que a vovó ensinou Nonso a catar cocos. Era difícil subir nos coqueiros, tão lisos e tão altos, e a vovó deu a Nonso um pedaço de pau comprido, mostrando a ele como cutucar as frutas maduras até que caíssem. Não mostrou a você, pois disse que meninas nunca catavam cocos. (ADICHIE, 2017, p.96)

Dessa maneira, Nonso aceita e não questiona a cultura nigeriana, ao passo que igualmente convive e tem boa relação com a cultura do seu lado materno. Ele não realiza nenhum grande feito, ou faz algo relevante para ser preferido e privilegiado, este é apenas o benefício que recebe de acordo com a tradição por ser homem. Assim, observa-se que Nonso é caracterizado por uma identidade híbrida, pois, mesmo tendo nascido e crescido em solo americano, ele igualmente se identifica com a cultura do seu lado paterno e materno. Consequentemente, mais incertezas são geradas por parte da protagonista.

Aquele verão, dezoito anos atrás... soube que algo precisava acontecer com Nonso para que você pudesse sobreviver. Apesar de ter só dez anos, você soube que algumas pessoas podem ocupar espaço demais apenas sendo; que, apenas existindo, algumas pessoas podem sufocar as outras. A ideia de assustar Nonso com a *echi eteka*<sup>6</sup> foi só sua. Mas você explicou isso a Dozie, que vocês dois precisavam que Nonso se machucasse — que ficasse aleijado, talvez, que quebrasse as pernas. Você queria macular a perfeição de seu corpo ágil, torná-lo menos adorável, menos capaz de fazer tudo o que fazia. Menos capaz de ocupar o seu espaço. (ADICHIE, 2017, p. 99)

Observe que, mesmo não se identificando com a cultura de seu pai e sim com a de sua mãe, ela tenta a todo o momento ser aceita pela família paterna. O não-pertencimento dela em relação às duas culturas e, em especial à nigeriana, demonstra-se como uma resposta ao seu ciúme, uma vez que, para ser notada, ela tenta a todo momento se colocar como o oposto. Assim, ela chama mais atenção do que se normalmente aceitasse a tradição de forma passiva. Ao mesmo tempo, toda essa contradição em seu ser reverbera os ecos de sua transculturação, a qual lhe permite se contrapor ao padrão falocêntrico, em que passa a questionar a divisão dos papéis entre os gêneros por meio de ideologias essencialistas e deterministas.

A raiva por não compreender a posição em que era colocada transforma-se em ódio que passa a nutrir pelo próprio irmão. Em uma tentativa em que busca ser notada com outros olhos, a protagonista toma uma decisão que muda ainda mais o curso da sua vida. Após desafiar seu irmão em uma escalada ao galho mais alto de uma árvore, mesmo sabendo que ele era pesado e os galhos fracos, ela não hesitou e deu continuidade ao seu plano. O que deveria ser uma brincadeira para causar apenas um machucado, acabou tornando-se a tragédia que ocasionou a morte de Nonso.

Nonso subiu na árvore. Cada vez mais alto. Você esperou até que ele estivesse quase no topo, até que suas pernas hesitassem a cada centímetro... E então gritou: “Uma cobra! É a *echi eteka*! Uma cobra!”. Você não sabia se devia dizer que a cobra estava num galho perto dele, ou deslizando tronco acima. Mas isso não importou, porque, naqueles poucos segundos, Nonso olhou para você lá embaixo e se soltou, com o pé escorregando, os braços se abrindo... Você não lembra quanto tempo ficou ali, olhando para Nonso, antes de entrar para chamar a vovó, com Dozie em silêncio ao seu lado o tempo todo. (ADICHIE, 2017, p.100)

---

6 *echi eteka*, “Amanhã é tarde demais”. Nome de uma espécie de cobra

A maneira perplexa sobre como a protagonista lida com a morte do irmão, em choque e ao mesmo tempo fria, a ponto de perceber tudo que estava acontecendo ao seu redor e ainda assim ter um olhar crítico a cada reação de seus familiares ao receberem a notícia, a sua capacidade de percepção de que, o que ambos sentiam por Nonso não era ligado apenas a tradição nigeriana ou por ele ser o primeiro filho e sim ao sentimento de amor que seus parentes nutriam por ele, novamente a protagonista se vê frustrada ao perceber isso após a partida de seu irmão.

Vivendo entre dois mundos, a protagonista reside nos Estados Unidos e sua mãe afro-americana contribui para uma realidade distinta. No contexto afro-americano vivenciado pela protagonista, quando comparado ao contexto nigeriano expresso por meio da figura de sua avó que é a guardiã dos costumes de seu povo, homens e mulheres – mesmo não existindo igualdade e/ou equidade de direitos entre os gêneros – não são classificados como mais ou menos importantes, independentemente de sua posição ou sexo ao nascer. De acordo com Gomes (1998), a identidade afro-americana foi estabelecida durante todo o período escravista, produzindo uma cultura dinâmica que continua impactando profundamente a América e todo o mundo.

Os vínculos ancestrais e a herança cultural acabaram sendo readaptados e perdidos de acordo com a vivência em solo americano e assim dando margem para uma nova maneira cultural de se viver. “Ele perguntou como estava sua mãe e você disse que ela morava na Califórnia agora; não mencionou que era numa comunidade, entre pessoas de cabeça raspada e piercing nos mamilos” (ADICHIE, 2009, p. 98). As divergências entre os próprios familiares, incluindo aspectos religiosos tornam ainda mais confusa a vida da protagonista para estabelecer a sua identidade cultural.

A vovó e sua mãe estavam concentradas no corpo de Nonso, não na morte dele. Sua mãe insistia que o corpo fosse levado imediatamente de avião para os Estados Unidos, e a vovó repetia as palavras dela e balançava a cabeça. A loucura espreitava seus olhos. Você sabia que a vovó nunca tinha gostado da sua mãe (tinha ouvido a vovó dizer isso alguns verões antes para uma amiga — aquela negra americana amarrou meu filho e o colocou no bolso)...a vovó ficou deitada de costas no chão, sem piscar os olhos, rolando de um lado a outro, como se estivesse fazendo uma brincadeira boba. Disse que era errado levar o corpo de Nonso de volta para os Estados Unidos, que seu espírito sempre ficaria pairando por ali. (ADICHIE, 2017, p.99).

Observa-se que os pais da protagonista, mesmo juntos, viviam de forma diferente, chegando ao ponto da personagem principal não só perceber as distinções, como também citá-las: a sua vida era dividida em tentar adequar-se a esses dois padrões. Não diferente da sua avó, o seu pai, mesmo residindo em solo americano, acaba sendo pouco presente na vida da personagem pelo fato de estar sempre viajando. Ele ainda seguia os costumes da tradição em que havia nascido e crescido, mantendo-se assíduo inclusive em rituais religiosos e eventos provenientes de sua cultura.

Na perspectiva apontada ao longo da narrativa, o homem nigeriano acredita que a mulher é inferior a ele. Desse modo, mesmo se casando por amor a mulher sempre deve estar numa situação de submissão. Sua mãe seguia com o seu papel na criação dos filhos, no qual era a protetora e responsável pelo lar durante as viagens do seu pai.



No enterro de Nonso, num cemitério frio da Virgínia, com lápides que se erguiam da terra de maneira obscena, sua mãe vestiu-se com um preto desbotado dos pés à cabeça, incluindo até um véu, o que fazia sua pele cor de canela brilhar. Seu pai se manteve afastado de vocês duas, usando o dashiki de sempre e um colar de búzios cor de leite ao redor do pescoço. Parecia não ser da família, como se fosse um daqueles convidados. (ADICHIE, 2017, p.100)

Mesmo marcado pela diáspora africana para os EUA, representada pelos familiares paternos da protagonista, ainda se reverberam os ecos do papel social que a mulher possui de ter que se casar, ter filhos e servir ao seu marido. Assim, por meio do relacionamento representado pelos pais da protagonista, observa-se que a procriação resumiria a vida da mulher a alegrias e realizações.

Dessa maneira, a protagonista questiona e percebe que a posição da mulher acaba por ser inferiorizada, servindo apenas como meio reprodutivo e tornando-se uma substituta do papel da mãe. Livia (2020) afirma que os homens tinham o direito de possuir várias esposas e escravas, viviam casamentos poligâmicos, pois, o objetivo era a geração de filhos: filhos, acima de tudo homens. Era gerado essa expectativa na protagonista por parte de sua filiação paterna, geralmente externada pela sua avó e seus ensinamentos, no qual certas coisas não poderiam ser feitas pela mulher.

Após sua mãe lhe comunicar que estava se divorciando do seu pai e citar que o motivo não seria o seu irmão, a protagonista sente-se um ser inexistente; era como se novamente a sua opinião e presença não importasse. A sua reação diante mais uma frustração é descontada em seu âmbito familiar e como forma de negação por ter causado a morte do irmão, através de mais uma mentira e fazendo com que a sua avó fosse culpada pela morte de Nonso pela possível displicência de suas ações, a protagonista causa ainda mais distanciamento dos seus parentes.

Então sua mãe perguntou: como Nonso morreu?... Você disse à sua mãe... que a vovó pedirá a Nonso que subisse no galho mais alto do abacateiro, para mostrar a ela que já era um homem. Depois, ela o assustara — de brincadeira, você assegurou à sua mãe — dizendo-lhe que havia uma cobra, a echi eteka, no galho ao lado. Ela pediu a Nonso que não se mexesse. É claro que ele se mexeu e escorregou do galho e, quando caiu no chão, o som foi como o de muitas frutas caindo ao mesmo tempo. Um baque surdo, final. A vovó tinha ficado parada olhando para Nonso e então começara a gritar, dizendo que ele era o único filho, que tinha traído a linhagem ao morrer, que os ancestrais iam ficar insatisfeitos. (ADICHIE, 2017, p.99).

Com a morte do seu irmão ela acabou constatando que sua vida não ficou melhor, que as suas dúvidas não tinham sido sanadas e muito menos ela havia se sentido amada. Os seus problemas não haviam sido resolvidos, assim como um abismo ainda maior havia sido criado, pois ela passava a notar com ainda mais clareza o quão incompatíveis eram os mundos em que vivia. A maneira como seus familiares lidam com a perda de um ente querido refletiu diretamente na forma como ela era tratada e vista por ambos os lados.

Foi difícil respirar quando você esperou, naqueles meses após a morte de Nonso, sua mãe notar que você tinha uma voz límpida como o cristal e pernas que pareciam elásticas, para que ela, depois de ir ao seu quarto lhe dar boa-noite, desse aquela risada grave. Em vez disso, sua mãe passou a

segurá-la com cuidado demais ao dizer boa-noite, sempre falando aos sussurros, e você começou a evitar seus beijos fingindo que tossia ou espirrava. Em todos os anos depois, quando vocês se mudaram de um estado do país para outro, com ela acendendo velas vermelhas no quarto, banindo qualquer menção da Nigéria ou da vovó, recusando-se a deixar você ver seu pai, sua mãe jamais voltou a dar aquela risada.(ADICHIE, 2017, p.99)

Outro ponto bastante presente na história é o amor que a protagonista nutre por Dozie, que vai da infância até a sua fase adulta, pois isso aconteceu alguns verões antes, quando ele tinha dez anos e você sete<sup>7</sup>. Ele era o oposto dela, pois vive, valoriza e aceita a cultura dos seus ancestrais sem questionamentos. A personagem principal percebe que o sentimento permanece vivo mesmo tendo se passado dezoito anos. Logo, após receber a notícia dada por ele da morte de sua avó, o que realmente a deixa abalada é ouvir a voz do seu amado, bem como de lembrar do fatídico evento que ocorreu com seu irmão, sabendo que Dozie guardava o seu segredo após tantos anos e mesmo assim ainda demonstrava sentir algo por ela. Ele lhe diz que não ocorreu a ele querer nada, porque só importava o que você queria.<sup>8</sup>

Você quer falar da dor no seu peito, do vazio nos seus ouvidos e da baforada de ar após o telefonema dele, das portas que tinham sido escancaradas, das coisas aplanadas que pularam para fora, mas Dozie está se afastando. E você está chorando, parada, sozinha sob o abacateiro. (ADICHIE,2017, p.99)

Por esse motivo, sendo sempre tratada como um ser menosprezado e em um local no qual ela não consegue adequar-se a nenhuma das culturas, ela não se identifica como sendo seu contexto de vivências e construção de sua identidade. Assim, ela cria um bloqueio para si mesma, tendo em vista que a mesma internaliza seus próprios sentimentos e não consegue expressá-los claramente para as pessoas à sua volta.

Podemos destacar a ausência de um nome próprio para a protagonista, sabemos que o nome que recebemos revela o universo relacional ao parentesco, que ele é fruto de uma elaboração dos pais de acordo com o que eles julgam ser ideal para o seu futuro filho(a). Segundo Martins (1991) “O nome próprio é mais que um signo ou significante: ele é um texto”, é o suporte da representação psíquica primária e uma trama simbólica em relação a cada sujeito, porém o nome não é um destino. A protagonista não ter o seu nome citado no decorrer de todo o conto, corrobora ainda mais com o fato de não pertencimento cultural.

Observamos que sua identidade cultural é um devir, um constante vir a ser sempre em construção, pois é criada com base no seu conhecimento de mundo e experiências a protagonista torna-se um ser transculturado, haja vista que faz a junção de ambas as culturas em que se encontra e tenta criar uma nova baseada nas suas reais perspectivas.

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da

<sup>7</sup> ADICHIE, Chimamanda Ngozi. No Seu Pescoço: Amanhã é tarde demais. 2009, p.96

<sup>8</sup>ADICHIE, Chimamanda Ngozi. No Seu Pescoço: Amanhã é tarde demais. 2009, p.100

história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar nós próprios”. (HALL, 2000, p. 108-109)

A protagonista carrega uma vida de frustrações, oscilando sempre entre passado e presente, demonstrando que a sua crise identitária ainda existe e a afeta. De acordo com Santos (2011), são nos momentos de crise, de instabilidade e insegurança que as identidades culturais preferencialmente se manifestam e se afirmam, se formam e se consolidam pelo processo de identificação/diferenciação, em momentos de calma e tranquilidade dificilmente há afirmação de identidades, elas só surgem em período de instabilidade e ameaça interna e externa ao modo de vida tradicional.

Ela sabe que talvez o que a fazia gostar da Nigéria era o amor por seu primo, porém, o ódio por sua avó e suas tradições se sobressaiu em seus sentimentos. Estes caracteres a levavam a recusar cada vez mais essa cultura, seus dilemas culturais permanecem, por meio dos quais mais uma vez encontra-se paralisada sobre como dar seguimento à própria vida.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pela observação dos aspectos analisados, torna-se visível para o leitor a transculturalidade da protagonista. A diáspora africana também é sofrida por parte da personagem, mesmo possuindo uma maior identificação com a cultura proveniente da sua mãe afro - americana, não possui apenas um único lugar para chamar de lar nos EUA, tendo em vista que no decorrer da sua vida ela e sua mãe se mudaram para diversos estados diferentes, ampliando ainda mais o seu conhecimento de mundo e sua possível necessidade de adequação a novas culturas e costumes.

Torna-se evidente que a protagonista não possuía um sentimento de pertencimento tão forte à cultura paterna, ela viajava para a Nigéria apenas nos verões e durante a sua passagem apresentava diversos questionamentos a respeito das características da cultura. Após seu retorno para os Estados Unidos, ela não fez questão de voltar para a Nigéria em nenhum momento, nem mesmo para visitar os seus familiares, voltando apenas 18 anos depois para o sepultamento da sua avó. A protagonista ainda segue vendo resquícios da cultura advinda do seu pai e das suas experiências em solo nigeriano. E todos esses eventos com seus familiares tornam-se o construto da sua transculturalidade.

O conto finaliza-se em aberto, possibilitando diversas leituras. Dentre as interpretações possíveis destaca -se a que foi desenvolvida neste artigo, trazendo ao leitor a compreensão de que a protagonista não conseguiu se identificar totalmente com ambas as culturas, no qual o amanhã é tarde demais neste caso, para a protagonista também pode-se relacionar a dificuldade para ser ela mesma, não desprendendo - se de corresponder às expectativas dos que lhe cercavam.

O fato da protagonista não possuir um nome levanta a hipótese de que a autora quis de alguma maneira representar as pessoas que não conseguem se fixar culturalmente, diferente da protagonista o seu irmão Nonso e primo Dozie que

tenham identidades formadas, são representados por nomes provenientes da cultura nigeriana.

Trazendo para a atualidade, é possível observar diversas pessoas que passam por esse processo de transculturação, não apenas em seu âmbito familiar, como, também, em diversos outros aspectos. Pessoas que mudam de países para trabalhar ou estudar, há uma necessidade de adequação às novas culturas, suas linguagens e costumes. O processo de transculturação muitas vezes acontece de forma gradual e natural. A transculturação não é caracterizada pela perda total das culturas "maternas" e, sim, pela junção de uma ou mais culturas para uma boa vivência do indivíduo.

Por fim, este trabalho pretende contribuir para os estudos culturais e a compreensão do processo de transculturação, mostrando a relevância das tradições em contextos sociais e culturais e a necessidade de uma visão mais ampla a respeito de possíveis mudanças, tornando o pensamento sobre o processo de transculturação como algo agregador, enriquecedor e libertador.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **No Seu Pescoço**. Trad. Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

MALINOWSKY, Bronislaw. 1º edición de Fernando Ortiz. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**. Caracas, Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 1987.

MARTINS, Francisco. **O nome próprio: Da gênese do eu ao reconhecimento**. Universidade de Brasília, Brasília . 1991. Disponível em:

RODRIGUES, Ricardo. **Entre o passado e o agora: Diáspora negra e identidade cultural**. Rev. Epos vol.3 no.2 Rio de Janeiro dez. 2012. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2178-700X201200020008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X201200020008). Acesso em: 23 mar. 2022.

RAMA, Angel. **A Cidade das Letras**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6562915/mod\\_resource/content/1/La%20ciudad%20letrada.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6562915/mod_resource/content/1/La%20ciudad%20letrada.pdf). Acesso em: 1 fev. 2022.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura; (coordenação Valdir José de Castro). São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Luciano dos. **As Identidades Culturais**: Proposições Conceituais e Teóricas. Rascunhos Culturais, Coxim, V. 2. no. 4. p. 141-157. Jul-Dez., 2011.

SILVA, Livia. **A mulher na sociedade patriarcal nigeriana em as alegrias da maternidade**. Conedu, p 1 -7, 10/2020. Disponível em : [https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO\\_EV140\\_MD1\\_SA6\\_ID3860\\_31082020223753.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA6_ID3860_31082020223753.pdf). Acesso em 6 de março de 2022.

TYLOR, Edward. **Primitive culture**. 2 vols. London John Murray, 1871.